BODANIS, David. *Mentes Apaixonadas*. Tradução: Carolina de Melo Araújo. Rio de Janeiro: Record, 2012, 404p.

Anadir dos Reis Miranda[1]
Doutoranda em História
Universidade Federal do Paraná

● **Enviado em: 13/04/2014**
● **Aprovado em: 26/04/2014**

Recentemente traduzido para a língua portuguesa, o livro *Mentes Apaixonadas*, do escritor norte-americano David Bodanis, resgata a história de amor de dois importantes personagens do Iluminismo francês. Conhecido amplamente como uma das figuras centrais deste movimento letrado, a notoriedade de Voltaire é inquestionável. Não foram poucos os que já no Século das Luzes, entre os quais figuraram pensadores e reis, reconheceram a grandiosidade deste filósofo e poeta. Já Émilie du Châtelet, cujos estudos científicos mostraram-se centrais para a emergência do Iluminismo em França, cuja genialidade inspirou a produção das obras mais influentes de François- Marie Arouet, é lembrada simplesmente como a "companheira de Voltaire".

Enfocado em popularizar o complexo discurso científico entre o grande público por meio de obras de estilo e linguagem acessíveis, Bodanis descobriu du Châtelet no final da década de 1990, ao se deparar "com uma nota de rodapé sobre uma obscura mulher francesa do início do século XVIII", enquanto realizava pesquisas para um livro sobre Einstein. A nota dizia que esta "havia desempenhado um pequeno papel no desenvolvimento do moderno conceito de energia e acrescentava que tinha alcançado certa notoriedade em seu tempo". Com a curiosidade despertada, Bodanis começou a pesquisar a vida da pensadora setecentista, descobrindo que a nota de rodapé havia menosprezado inteiramente a sua importância no contexto das luzes. Matemática brilhante, du Châtelet popularizara o pensamento de Newton em França, além de estabelecer junto a Voltaire e a partir do isolado

[1] Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da UFPR. Integra o Núcleo de Estudos de Gênero-UFPR e o Grupo de Pesquisa Mulheres e Produção Cultural-UFPR.

castelo de Cirey, um centro de difusão de ideias críticas, as quais viriam influenciar nomes como Helvétius, D`Alembert e Diderot.[2]

Logo Bodanis percebeu que precisava trazer à luz a relação destes dois ilustrados, tendo em vista os desdobramentos desse relacionamento amoroso para os avanços científicos e culturais da época. Mas, mais do que narrar a história de uma relação intensa, marcada por trocas intelectuais e inúmeros reveses, e que foi preponderante para a emergência das *luzes* na França, a obra de Bodanis representa importante contribuição para o reposicionamento de Émilie du Châtelet na história da ciência e do Iluminismo.[3]

Madame du Châtelet não foi a única mulher ilustre cuja importância foi sublimada por meio da afirmação de seu papel como companheira de um grande homem. A escultora Camille Claudel, cujo talento e influência exercida sobre Rodin foram estranhamente esquecidos, é recordada somente como modelo e amante do famoso artista francês. A escritora e pensadora oitocentista Harriet Taylor, que dividiu a autoria de muitas das obras de Stuart Mill, comumente é lembrada pela sua posição de esposa do notório filósofo. Há um caso ainda mais ilustre, da intelectual francesa Simone de Beauvoir, cuja relação com Jean-Paul Sartre quase sempre é exaltada em detrimento a sua produção e contribuição para a constituição da filosofia existencialista.

Muitos estudiosos de gênero têm buscado explicar como e por que ocorrem esses processos de "apagamento" da importância literária, artística e científica de inúmeras mulheres. São apontados desde as sanções e interditos sociais, que levam muitas delas a não assumir a autoria de suas obras ou sua posição como pensadoras, até a persistente tendência em se identificar as mulheres sempre a partir de suas relações com os homens. Du Châtelet, por exemplo, ao mesmo tempo em que é lembrada devido a sua ligação com Voltaire, tem sua experiência como letrada negada, pois esta representaria uma transgressão às convenções de gênero (que preveem as mulheres a contínua adequação aos papéis de esposa e mãe).

No prefácio de *Mentes Apaixonadas*, Bodanis delineia alguns dados acerca do processo de invisibilização da experiência e dos feitos de Madame du Châtelet. Segundo ele, "quase imediatamente após a morte de Émilie, intrigas de línguas afiadas começaram a depreciar o que ela havia feito".[4] Sua obra era técnica demais, e suas companheiras letradas não

2 Voltaire e Émilie moraram juntos neste castelo durante alguns anos, desenvolvendo pesquisas e experimentos científicos, escrevendo e disseminando suas ideias por meio de uma rede de correspondências estabelecida com pensadores e cientistas daquele contexto.

3 Importante ressaltar que o projeto inicial de Bodanis era escrever a biografia somente de Émilie du Châtelet. No entanto, logo se tornou visível para ele que as histórias de vida de Émilie e Voltaire foram tão entrelaçadas, que seria mais interessante escrever uma dupla biografia.

4 BODANIS, David. *Mentes Apaixonadas*. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 17.

conseguiram perceber sua importância. Pouco depois, quando suas ideias de fato entraram no circuito científico, a hipótese de que uma mulher tivesse elaborado aquilo foi considerada tão absurda, que os cientistas homens que as usaram passaram a esquecer de quem as tinha criado. Em fins do século XIX, só restavam breves referências ao seu nome.

O século XX, com suas transformações no que diz respeito à pesquisa histórica, mostrou-se propício para o resgate de Émilie. No bojo de estudos que se voltam para os "excluídos da história", desenvolveu-se uma preocupação com o resgate da memória histórica das mulheres. Num contexto de reordenação, até certo ponto radical, das relações de gênero, muitas historiadoras e historiadores começam a se preocupar em revelar o que até pouco tempo não se podia dizer (ou era impensável) sem sofrer sanções sociais. Nesse sentido, o papel de du Châtelet como algo mais que a "amante de Voltaire" começou a emergir. Gostaria de frisar aqui os trabalhos de Ira O. Wade, um dos primeiros estudiosos a produzir uma biografia séria sobre Émilie (ainda na década de 1940), e de Elisabeth Badinter, historiadora francesa que, assim como Bodanis, escreveu uma dupla biografia, mas não do casal central do Iluminismo, e sim das *femmes savantes* Madame du Châtelet e Madame d`Épinay.

A recente proliferação de biografias sobre Émilie responde ainda a outras demandas da contemporaneidade, tais como o anseio pelo íntimo, pelo privado. Por outro lado, faz parte de determinado "furor biográfico" - reação a um contexto epistemológico no qual se minimizou a importância do indivíduo em favor dos processos globais, das estruturas de conjunto, das pesquisas quantitativas de longa duração.

A formação de Bodanis é na área de educação em matemática, física e economia, mas é possível perceber que este tem mantido há algum tempo certa proximidade com a História. Além de ter ministrado aulas de história na Universidade de Oxford durante anos, Bodanis se tornou conhecido devido aos seus livros sobre história da ciência. Em *Mentes Apaixonadas*, o diálogo com a História fica explícito tanto pelo conhecimento aprofundado que demonstra acerca da França setecentista, quanto pelo uso de farto *corpus* documental (ou mesmo pelo debate historiográfico que recupera no prefácio da obra, citando historiadores como Peter Gay e Robert Darnton).

É importante assinalar que, apesar de Bodanis apontar a rica documentação que utilizou para escrever "uma biografia não apenas de Châtelet, mas de Voltaire", cobrindo "seus elementos comuns, e também as ligações mais amplas"[5], raramente as cita ao longo do texto.

[5] BODANIS, op. cit., p. 15.

Com exceção de uma dos subcapítulos do livro, composto por inúmeras citações, oriundas de cartas, de mensagens e de relatos que circularam entre os frequentadores do castelo de Cirey, poucas vezes temos contato "direto" com as fontes primárias utilizadas pelo autor. Além de quase não citá-las no texto, às referencia somente ao final do livro (o livro termina com uma lista significativa de notas, que esclarecem fatos e eventos, apontam fontes primárias e secundárias). Provavelmente tal estratégia narrativa se deva ao fato de *Mentes Apaixonadas* ter sido escrito com vistas a um público não especializado, como o restante da produção de Bodanis. Com o intuito de agradar um público mais amplo, ele produz uma narrativa fluida, que intercala narrativa histórica, romance e explicações científicas.

O escritor norte-americano enfatiza as inúmeras reviravoltas e reveses que marcaram as vidas e a relação de Émilie e Voltaire: as frenéticas fugas de Voltaire pela França (devido a sua pena crítica e irônica, que tanto desgostava os grupos dominantes), os romances que ambos estabeleceram com outras personalidades da época (como o *affair* que Émilie teve com Richelieu antes de se enamorar por Voltaire), o rápido e obscuro enriquecimento de Voltaire, as estadas deste junto às cortes francesa e prussiana, a vida aristocrática de Émilie. O enfoque do autor, no entanto, é sobre suas trajetórias letradas, sua relação com a ciência e com o pensamento das luzes. Por meio de *Mentes Apaixonadas*, ficamos sabendo como Émilie se aproximou da cultura letrada setecentista devido ao estímulo de seu pai (que acreditava numa educação igualitária para meninos e meninas), das dificuldades que a mesma enfrentou para dar continuidade aos seus estudos científicos (devido aos interditos sociais à educação das mulheres) e o quanto a parceria intelectual que estabeleceu com Voltaire foi preponderante para a satisfação de suas ambições letradas (ele foi um companheiro de estudos, estimulando-a, acreditando nas suas potencialidades). Também entramos em contato com a história de vida de François-Marie Arout, que por vezes é contada de forma paralela a de Émilie, por vezes de forma intercruzada. Entre os inúmeros sucessos literários e fugas que marcaram a vida de Voltaire, o que Bodanis como biógrafo traz de mais inovador é demonstrar o papel fundamental de du Châtelet para o seu sucesso. Diversas vezes Bodanis demonstra como admiração que Émilie lhe devotava foi importante para o fortalecimento de sua crença em si mesmo. Afinal, o respeito de um indivíduo de tão elevado nível intelectual, só comprovaria suas próprias capacidades como letrado.

O brilhantismo de Émilie, seu mérito como cientista e matemática foram atestados por diversos pensadores e cientistas da época, incluindo o próprio Voltaire. "Há uma mulher em Paris chamada Émilie", escreveu este casualmente a um amigo, "que ultrapassa qualquer um

em inteligência. Ela entende Locke muito melhor que eu. Seria bom ter um guia assim".[6] Mas Voltaire não se nutria somente da consideração que du Châtelet lhe devotava. De acordo com Bodanis, Émilie o conduziu através das teorias de Newton, proporcionando a grande guinada na carreira do pensador. Junto à Émilie, ele passou a investigar como as leis racionais que Newton descobrira para o cosmo poderiam ser aplicadas para aperfeiçoar as instituições humanas na Terra.

Interessante assinalar ainda que Bodanis foi um dos primeiros biógrafos a enfatizar a importância dos discursos científicos na fundamentação do pensamento de Voltaire. Esse enfoque acabou por desvelar a importância e a contribuição de du Châtelet para a trajetória de Voltaire como pensador e filósofo. Mas o que Bodanis demonstra principalmente é como o relacionamento entre Émilie e Voltaire estava no centro de suas trajetórias intelectuais, como estes se auxiliaram mutuamente em suas pretensões letradas.

A demonstração de Newton acerca da lógica que regeria todo Universo configurou-se como uma das bases de pensamento ilustrado, pois possibilitou aos pensadores dos setecentos acreditar na sua capacidade em compreender o mundo a sua volta e torna-lo mais justo e racional. Influente e admirado pela maior parte dos iluministas franceses, o pensamento de Newton parece ter se disseminado em França a partir de Voltaire e Châtelet. Juntos empreenderam um estudo inédito sobre a obra de Isaac Newton. Ficamos sabendo ao longo da narrativa de Bodanis, entretanto, da preponderância das habilidades matemáticas de Émilie sobre Voltaire, e do fato desta ser a principal "autora" da obra resultante de tal estudo.

Posteriormente du Châtelet se dedica - sozinha desta vez - a um empreendimento mais ousado quanto as teorias do pensador inglês. Fruto de anos de dedicação, sua tradução e seu comentário sobre os *Principia* de Newton se tornaram fundamentais para o desenvolvimento da física teórica do século XVIII, estabelecendo uma base para boa parte da ciência contemporânea.[7]

Para além dos feitos científicos de Émilie, de sua contribuição para o desenvolvimento da ciência moderna, a leitura de *Mentes Apaixonadas* - como as biografias comumente o fazem - também propicia que mergulhemos no "cotidiano" do movimento ilustrado: as relações que estabeleciam entre literatos, cientistas, aristocratas e de alguns reis em torno do espírito ilustrado, os caminhos tortuosos que muitos destes percorriam para disseminar suas críticas

6 Conforme citado por BODANIS, op. cit., p. 113.

7 Mais do que traduzir a obra do latim para o francês, du Châtelet "traduziu" a obra de Newton para a linguagem matemática moderna. Baseado quase inteiramente em geometria secular, poucos cientistas do XVIII conseguiam utilizar os *Principia* diretamente. Ao tornar a teoria de Newton mais acessível, Émilie contribuiu para alavancar a reflexão cientifica (nos campos da física e da química) na França.

e reflexões, os momentos de sociabilidade letrada, a intimidade, a rotina, as perseguições que sofriam pelos poderes estabelecidos, enfim, as vidas daqueles que compuseram o que nomeamos de Iluminismo. E Bodanis propicia essa "redução de escala", sem deixar de estabelecer um diálogo constante com questões mais contextuais, como as formas de governo vigentes, as convenções de gênero, as representações religiosas, os sistemas econômico e jurídico.

O uso de extensa documentação, a reconstituição primorosa do contexto francês setecentista, os cuidados demonstrados pelo biógrafo em apontar suas hipóteses e incertezas diante das lacunas encontradas, bastam para demonstrar a seriedade de sua pesquisa. Ainda assim, por vezes, a narrativa é entrecortada por trechos mais romanceados, subtendendo-se sentimentos íntimos dos protagonistas. Possivelmente seja uma estratégia para tornar a narrativa mais palatável ao grande público. De qualquer forma, na maior parte das vezes, o nível de detalhes que enriquece a biografia parece se dever a riqueza das fontes e a exaustiva pesquisa por parte do autor. De acordo com o próprio Bodanis

> O nível de detalhes era tão grande que, quando descrevo Voltaire rindo ao ser interrogado por um determinado detetive particular, em maio de 1717, o seu sorriso não é uma conjuntura casual, mas aparece em um relatório que o seu detetive escreveu logo em seguida. Se Châtelet olha pela janela, isso é algo mencionado nas cartas ou inevitável em função da planta do quarto em que ela esta. Pela gentileza dos atuais proprietários do castelo em que ela e Voltaire viveram, pude rastrear seus comportamentos diários e passei um bom tempo batendo nas paredes, examinando as dobradiças das portas, os alicerces da escada, as camadas de pintura nas paredes, a fim de compreender como era o espaço em que viviam naquela época.[8]

Por fim, como historiadora de mulheres, não posso deixar de sublinhar o quanto *Mentes Apaixonadas* propicia um rico contato com as convenções de gênero existentes nos meios aristocráticos franceses: o modelo de casamento, os ideais de esposa e mãe, as liberdades e os interditos de gênero em relação às mulheres. As diferenças apresentadas em relação às práticas contemporâneas são estimulantes, tanto pela curiosidade histórica, quanto pela reflexão a respeito da contingência intrínseca à experiência de ser mulher.

[8] Idem, 16.